

## **DESTINO: POESIA**

### **ORGANIZAÇÃO: PROFESSOR SINVAL SANTANA**

Antologia que reúne os cinco maiores nomes da poesia marginal, escrita nos anos 1970, no Brasil. Italo Moriconi escolheu textos representativos da obra de cada um dos poetas para compor essa edição, dando a dimensão criativa e estética de uma época única e original em nossa literatura. Uma coletânea de poemas irreverentes, melódicos e contestadores, que já entraram para a história da poesia brasileira.

### **Anos 1970: a Poesia Marginal**

Ficou conhecida como Poesia Marginal a produzida no começo dos anos 1970, durante a ditadura militar brasileira. O nome que define esta geração de poetas se aplica a autores que se colocavam à margem do sistema editorial ou tinham dificuldade para publicar suas obras em editoras de grande porte. Por esse mesmo motivo, também ficaram conhecidos pela expressão **geração do mimeógrafo**, uma vez que se valiam de tal máquina para levar ao público consumidor, de forma ágil e barata, livros de pequena tiragem, financiados e distribuídos por conta própria.

#### **Influências:**

##### **- Primeira Fase Modernista – Oswald de Andrade**

Do Modernismo vanguardista de 1922, a Poesia Marginal herda o gosto pelo prosaico, o caráter anti-intelectual, a paródia, o humor, a irreverência/Poema Piada, a oralidade da linguagem, a concisão/Poema pílula. Como a Poesia Marginal se desenvolveu nos anos de chumbo, rir foi a saída para contestar o regime de opressão.

##### **- Geração Beat norte-americana – Allan Ginsberg, William S. Burroughs, Jack Kerouac**

A Beat Generation foi um movimento literário originado em meados dos anos 1950 por um grupo de jovens intelectuais cansado do modelo quadrado de ordem estabelecido nos EUA após a Segunda Guerra Mundial. Com o objetivo de se expressarem livremente e contarem sua visão do mundo e suas histórias, esses escritores

começaram a produzir desenfreadamente, muitas vezes movidos a drogas, álcool, sexo livre e jazz – o gênero musical que mais inspirou os beats. As principais características do movimento são: intensidade em tudo, escrita compulsiva, fluxo de pensamento desordenado, por vezes caótico, linguagem informal, cheia de gírias e palavrões, apoio à igualdade étnica, ao multiculturalismo.

#### **- DESTINO: POESIA – Autores:**

**Ana Cristina Cesar:** ou Ana C., como era conhecida, nasceu em 1952 no Rio de Janeiro. Após 1968, passou um ano em Londres, fez algumas viagens pelos arredores e, na volta ao Brasil, com livros de Emily Dickinson e Katherine Mansfield nas malas, dedicou-se a escrever e a traduzir, entrando para a Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), aos dezenove anos. Deu aulas, traduziu, fez letras, escreveu para revistas e jornais alternativos, fez mestrado em comunicação, lançou seus primeiros livros em edições independentes. Depois voltou à Inglaterra, graduou-se em tradução literária, escreveu muitas cartas. Trabalhou em jornalismo, televisão. Suicidou-se no dia 29 de outubro de 1983.

#### **trilha sonora ao fundo: piano no bordel, vozes barganhando**

Trilha sonora ao fundo: piano no bordel, vozes barganhando  
uma informação difícil. agora silêncio; silêncio eletrônico,  
produzido no sintetizador que antes construiu a ameaça das  
asas batendo freneticamente.

Apuro técnico.

Os canais que só existem no mapa.

O aspecto moral da experiência.

Primeiro ato da imaginação.

Suborno no bordel.

Eu tenho uma ideia.

Eu não tenho a menor ideia.

Uma frase em cada linha. Um golpe de exercício.

Memórias de Copacabana. Santa Clara às 3 da tarde.

Autobiografia. Não, biografia.

Mulher.

Papai Noel e os marcianos.

Billy the Kid versus Drácula.

Drácula versus Billy the Kid.

Muito sentimental.

Agora pouco sentimental.

Pensa no seu amor de hoje que sempre dura menos que o seu amor de ontem.

Gertrude: estas são ideias bem comuns.

Apresenta a jazz-band.

Não, toca blues com ela.

Esta é a minha vida.

Atravessa a ponte.

É sempre um pouco tarde.

Não presta atenção em mim.

Olha aqueles três barcos colados imóveis no meio do grande rio.

Estamos em cima da hora.

Daydream.

Quem caça mais o olho um do outro?

Sou eu que admito vitória.

Ela que mora conosco então nem se fala.

Caça, caça.

E faz passos pesados subindo a escada correndo.

Outra cena da minha vida.

Um amigo velho vive em táxis.

Dentro de um táxi é que ele me diz que quer chorar mas não chora.

Não esqueço mais.

E a última, eu já te contei?

É assim.

Estamos parados.

Você lê sem parar, eu ouço uma canção.

Agora estamos em movimento.

Atravessando a grande ponte olhando o grande rio e os três barcos colados imóveis no meio.

Você anda um pouco na frente.  
Penso que sou mais nova do que sou.  
Bem nova.  
Estamos deitados.  
Você acorda correndo.  
Sonhei outra vez com a mesma coisa.  
Estamos pensando.  
Na mesma ordem de coisas.  
Não, não na mesma ordem de coisas.  
É domingo de manhã (não é dia útil às três da tarde).  
Quando a memória está útil.  
Usa.  
Agora é a sua vez.  
Do you believe in love...?  
Então está.  
Não insisto mais.

### **inverno europeu**

Daqui é mais difícil: país estrangeiro, onde o creme de leite é desconjunturado e a subjetividade se parece com um roubo inicial. Recomendo cautela. Não sou personagem do seu livro e nem que você queira não me recorta no horizonte teórico da década passada. Os militantes sensuais passam a bola: depressão legítima ou charme diante das mulheres inquietas que só elas? Manifesto: segura a bola; eu de conviva não digo nada e indiscretíssima descalço as luvas (no máximo), à direita de quem entra.

### **noite carioca**

Diálogo de surdos, não: amistoso no frio. Atravanco na contra-mão. Suspiros no contrafluxo. Te apresento a mulher mais discreta do mundo: essa que não tem nenhum segredo.

## **conversa de senhoras**

Não preciso nem casar  
Tiro dele tudo que preciso  
Não saio mais daqui  
Duvido muito  
Esse assunto de mulher já terminou  
O gato comeu e regalou-se  
Ele dança que nem um realejo  
Escritor não existe mais  
Mas também não precisa virar deus  
Tem alguém na casa  
Você acha que ele aguenta?  
Sr. ternura está batendo  
Eu não estava nem aí  
Conchavando: eu faço a tréplica  
Armadilha: louca pra saber  
Ela é esquisita  
Também você mente demais  
Ele está me patrulhando  
Para quem você vendeu seu tempo?  
Não sei dizer: fiquei com o gauche  
Não tem a menor lógica  
Mas e o trampo?  
Ele está bonzinho  
Acho que é mentira  
Não começa

## **Vacilo da vocação 30/Samba-canção 31/Primeira lição 33**

### **olho muito tempo o corpo de um poema**

olho muito tempo o corpo de um poema

até perder de vista o que não seja corpo  
e sentir separado dentre os dentes  
um filete de sangue  
nas gengivas

## **Enciclopédia 35/16 de junho 36**

### **jornal íntimo**

à Clara

30 de junho

Acho uma citação que me preocupa: “Não basta produzir contradições, é preciso explicá-las”. De leve recito o poema até sabê-lo de cor. Célia aparece e me encara com um muxoxo inexplicável.

29 de junho

Voltei a fazer anos. Leio para os convidados trechos do antigo diário. Trocam olhares. Que bela alegriazinha adolescente, exclama o diplomata. Me deitei no chão sem calças. Ouvi a palavra dissipação nos gordos dentes de Célia.

27 de junho

Célia sonhou que eu a espancava até quebrar seus dentes. Passei a tarde toda obnublada. Datilografei até sentir câimbras. Seriam culpas suaves. Binder diz que o diário é um artifício, que não sou sincera porque desejo secretamente que o leiam. Tomo banho de lua.

27 de junho

Nossa primeira relação sexual. Estávamos sóbrios. O obscurecimento me perseguiu outra vez. Não consegui fazer as reclamações devidas. Me sinto em Marienbad junto dele. Perdi meu pente. Recitei a propósito fantasias capilares, descabelos, pelos subindo pelo pescoço. Quando Binder perguntou do banheiro o que eu dizia respondi “Nada” funebremente.

26 de junho

Célia também deu de criticar meu estilo nas reuniões. Ambíguo

e sobrecarregado. Os excessos seriam gratuitos. Binder prefere a hipótese da sedução. Os dois discutem como gatos enquanto rumbas me sacolejam.

25 de junho

Quando acabei O jardim de caminhos que se bifurcam uma urticária me atacou o corpo. Comemos pato no almoço. Binder me afaga sempre no lugar errado.

27 de junho

O prurido só passou com a datilografia. Copiei trinta páginas de Escola de mulheres no original sem errar. Célia irrompeu pela sala batendo com a língua nos dentes. Célia é uma obsessiva.

28 de junho

Cantei e dancei na chuva. Tivemos uma briga. Binder se recusava a alimentar os corvos. Voltou a mexericar o diário. Escreveu algumas palavras. Recurso mofado e bolorento! Me chama de vadia para baixo. Me levanto com dignidade, subo na pia, faço um escândalo, entupo o ralo com fatias de goiabada.

30 de junho

Célia desceu as escadas de quatro. Insisti no despropósito do ato. Comemos outra vez aquela ave no almoço. Fungo e suspiro antes de deitar. Voltei ao

**Enquanto leio meus seios estão a descoberto. 39/Flores do mais 40/Algazarra 42**

**houve um poema**

que guiava a própria ambulância  
e dizia: não lembro  
de nenhum céu que me console,  
nenhum,  
e saía,  
sirenes baixas,  
recolhendo os restos das conversas,  
das senhoras,  
"para que nada se perca

ou se esqueça",  
proverbial,  
mesmo se ferido,  
houve um poema  
ambulante,  
cruz vermelha  
sonâmbula  
que escapou-se  
e foi-se  
inesquecível,  
irremediável,  
ralo abaixo.

**Cacaso: Poesia rápida como a vida.** Antônio Carlos Ferreira de Brito, o Cacaso, nasceu em Uberaba – MG, no dia 13 de março de 1944, e faleceu em 1987, no dia 27 de dezembro, no Rio de Janeiro. Antes dos 20 anos veio a poesia, através de letras de sambas que colocava em músicas de amigos como Elton Medeiros e Maurício Tapajós. Sua obra não só revelou uma das mais combativas e criativas vozes dos anos de chumbo, como deu visibilidade e respeitabilidade ao fenômeno da Poesia Marginal, em que militavam, direta ou indiretamente, amigos como Francisco Alvim, Torquato Neto, Wally Salomão, Ana Cristina Cezar, Charles, Chacal.

## **Postal**

### **Há uma gota de sangue no cartão postal**

eu sou manhoso eu sou brasileiro  
finjo que vou mas não vou minha janela é  
a moldura do luar do sertão  
a verde mata nos olhos verdes da mulata

sou brasileiro e manhoso por isso dentro  
da noite e de meu quarto fico cismando

[na beira de um rio  
na imensa solidão de latidos e araras  
lívido  
de medo e de amor

**(Antonio Carlos de Brito (CACASO), "Beijo na boca". Rio de Janeiro, 7 Letras, 2000. p. 12.)**

a) Este poema de Cacaso (1944-1987) dialoga com várias vozes que falaram sobre a paisagem e o homem brasileiros. Justifique a referência ao "cartão postal" do título, através de expressões usadas na primeira estrofe.

b) O poema se constrói sobre uma imagem suposta de brasileiro. Qual é essa imagem?

c) Quais as expressões poéticas que desmentem a felicidade obrigatória do eu do poema?

**Manhã profunda 48/Tiau Roberval (ou: Vai nessa, malandro) 49**

### **O Fazendeiro do Mar**

Mar de mineiro é garoa  
Mar de mineiro é baião  
Mar de mineiro é lagoa  
Mar de mineiro é balão  
Mar de mineiro é não

Mar de mineiro é viagem  
Mar de mineiro é arte  
Mar de mineiro é margem  
Mar de mineiro é parte  
Mar de mineiro é Marte

Mineiro tem mar de menos  
Mineiro tem mar demais

Mineiro tem mar de Vénus

Mineiro tem cais

Mineiro tem mar de paz

Mar de mineiro é tudo

Mar de mineiro é fase

Mar de mineiro é mudo

Mar de mineiro é quase

Mar de mineiro é frase

Mineiro tem mar de cio

Mineiro tem mar de fonte

Mineiro tem mar de rio

Mineiro tem mar de monte

Mar de mineiro é horizonte

Mar de mineiro é Gerais

Mar de mineiro é Campinas

Mar de mineiro é Goiás

Mar de mineiro é Colinas

Mar de mineiro é Minas

### **Lar doce lar**

p/ Maurício Maestro

Minha pátria é minha infância:

Por isso vivo no exílio.

**Passou um versinho voando? (...) 61/Hora do recreio 62/Cartilha 63**

### **Cinema mudo**

Neste retrato de noivado divulgamos



vira direto vinagre.

## **Jogos florais II**

Minha terra tem Palmares  
memória cala-te já.  
Peço licença poética  
Belém capital Pará.

Bem, meus prezados senhores  
dado o avançado da hora  
errata e efeitos do vinho  
o poeta sai de fininho.

(será mesmo com 2 esses  
que se escreve paçarinho?)

## **O pássaro incubado 72**

**Paulo Leminski:** nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 24 de agosto de 1944 e tornou-se conhecido por ter inventado seu próprio jeito para escrever poesias, fazendo trocadilhos ou brincando com ditados populares. Paulo Leminski foi também professor de História e de Redação em cursos pré-vestibulares. Foi diretor de criação e redator de publicidade. Faleceu precocemente no dia 7 de junho de 1989.

### **das coisas**

das coisas  
que eu fiz a metro  
todos saberão  
quantos quilômetros

são

aquelas

em centímetros

sentimentos mínimos

ímpetos infinitos

não?

**um deus também é o vento 78/furo a parede branca 79/a noite 80/duas folhas na sandália 81/a estrela cadente 82**

**o inseto no papel**



de som a som

de som a som

ensino o silêncio

a ser sibilino

de sino a sino  
o silêncio ao som  
ensino

**meiodia três cores 85/pôr de sol pingo de sangue 86/morreu o periquito 87**

### **Aviso aos náufragos**

Esta página, por exemplo,  
não nasceu para ser lida.  
Nasceu para ser pálida,  
um mero plágio da Ilíada,  
alguma coisa que cala,  
folha que volta pro galho,  
muito depois de caída.

Nasceu para ser praia,  
quem sabe Andrômeda, Antártida  
Himalaia, sílaba sentida,  
nasceu para ser última  
a que não nasceu ainda.

Palavras trazidas de longe  
pelas águas do Nilo,  
um dia, esta pagina, papiro,  
vai ter que ser traduzida,  
para o símbolo, para o sânscrito,  
para todos os dialetos da Índia,  
vai ter que dizer bom-dia  
ao que só se diz ao pé do ouvido,  
vai ter que ser a brusca pedra  
onde alguém deixou cair o vidro.  
Não e assim que é a vida?

## **A lua no cinema**

A lua foi ao cinema,  
passava um filme engraçado,  
a história de uma estrela  
que não tinha namorado.

Não tinha porque era apenas  
uma estrela bem pequena,  
dessas que, quando apagam,  
ninguém vai dizer, que pena!

Era uma estrela sozinha,  
ninguém olhava pra ela,  
e toda a luz que ela tinha  
cabia numa janela.

A lua ficou tão triste  
com aquela história de amor  
que até hoje a lua insiste:  
— Amanheça, por favor!

## **Marginal é quem escreve à margem**

Marginal é quem escreve à margem,  
deixando branca a página  
para que a paisagem passe  
e deixe tudo claro à sua passagem.

Marginal, escrever na entrelinha,  
sem nunca saber direito  
quem veio primeiro,  
o ovo ou a galinha.

## 91/Narájow 92

### Sintonia para pressa e presságio

Escrevia no espaço.

Hoje, grafo no tempo,  
na pele, na palma, na pétala,  
luz do momento.

São na dúvida que separa  
o silêncio de quem grita  
do escândalo que cala,  
no tempo, distância, praça,  
que a pausa, asa, leva  
para ir do percalço ao espasmo.

Eis a voz, eis o deus, eis a fala,  
eis que a luz se acendeu na casa  
e não cabe mais na sala.

**Torquato Neto: nasceu em** Teresina, 9 de novembro de 1944, e faleceu no Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1972. Foi poeta, jornalista, letrista de música popular, experimentador ligado à contracultura. Mudou-se para Salvador aos 16 anos para os estudos secundários, onde foi contemporâneo de Gilberto Gil no Colégio Marista e trabalhou como assistente no filme *Barravento*, de Glauber Rocha. Torquato envolveu-se ativamente na cena de Salvador. Onde conheceu, além de Gil, Caetano Veloso, Gal Costa e Maria Bethânia. Em 1962, mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar jornalismo, mas nunca chegou a se formar. Trabalhou para diversos veículos da imprensa carioca, com colunas sobre cultura no *Correio da Manhã*, *Jornal dos Sports* e *Última Hora*. No Rio destacou-se como agente cultural e polemista defensor de manifestações artísticas de vanguarda, como a *Tropicália*, o cinema marginal e a poesia concreta, circulando no meio cultural efervescente da época, ao lado de amigos como os

poetas Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, o cineasta Ivan Cardoso e o artista plástico Hélio Oiticica.

## **Cogito**

eu sou como eu sou  
pronomes  
pessoal intransferível  
do homem que iniciei  
na medida do impossível

eu sou eu sou  
agora  
sem grandes segredos dentes  
sem novos segredos dentes  
nesta hora

eu sou como eu sou

presente  
desferrolhado indecente  
feito um pedaço de mim  
eu sou como eu sou  
vidente  
e vivo tranquilamente  
todas as horas do fim..

**Agora não se fala mais 98/Literato cantabile 100/A poesia é a mãe das artes/Muito bem, meu amor 103**

## **Go back**

Você me chama  
Eu quero ir pro cinema

Você reclama  
Meu coração não contenta  
Você me ama  
Mas de repente  
A madrugada mudou  
E certamente  
Aquele trem já passou  
E se passou, passou  
Daqui pra melhor, foi  
Só quero saber do que pode dar certo  
Não tenho tempo a perder

### **Mamãe, coragem 106**

#### **Geleia geral**

Um poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia  
Resplandente, cadente, fagueira num calor girassol com alegria  
Na geleia geral brasileira que o Jornal do Brasil anuncia

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi  
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

A alegria é a prova dos nove e a tristeza é teu porto seguro  
Minha terra é onde o sol é mais limpo e Mangueira é onde o samba é mais puro  
Tumbadora na selva-selvagem, Pindorama, país do futuro

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi  
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

É a mesma dança na sala, no Canecão, na TV  
E quem não dança não fala, assiste a tudo e se cala  
Não vê no meio da sala as relíquias do Brasil:  
Doce mulata malvada, um LP de Sinatra, maracujá, mês de abril

Santo barroco baiano, superpoder de paisano, formiplac e céu de anil  
Três destaques da Portela, carne-seca na janela, alguém que chora por mim  
Um carnaval de verdade, hospitaleira amizade, brutalidade jardim

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi  
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

Plurialva, contente e brejeira miss linda Brasil diz "bom dia"  
E outra moça também, Carolina, da janela examina a folia  
Salve o lindo pendão dos seus olhos e a saúde que o olhar irradia

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi  
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

Um poeta desfolha a bandeira e eu me sinto melhor colorido  
Pego um jato, viajo, arrebento com o roteiro do sexto sentido  
Voz do morro, pilão de concreto tropicália, bananas ao vento

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi  
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

### **Let's play that**

quando eu nasci  
um anjo louco muito louco  
veio ler a minha mão  
não era um anjo barroco  
era um anjo muito louco, torto  
com asas de avião

eis que esse anjo me disse  
apertando minha mão  
com um sorriso entre dentes  
vai bicho desafinar

o coro dos contentes  
vai bicho desafinar  
o coro dos contentes  
let's play that

**Waly Salomão: 1944-2003** – baiano de Jequié, Wally esteve ligado aos Tropicalistas Caetano Veloso, Torquato Neto, Gilberto Gil, Gal Costa mas não se considerava do grupo. Além de poeta, Waly Salomão também era letrista e produtor cultural. Como letrista, colaborou com muitos artistas, como Caetano Veloso – **Talismã**, Lulu Santos – **Assaltaram a Gramática**, sucesso com os Paralamas do Sucesso.

### **Olho de lince**

quem fala que sou esquisito hermético  
é porque não dou sopa estou sempre elétrico  
nada que se aproxima nada me é estranho  
fulano sicrano beltrano  
seja pedra seja planta seja bicho seja humano  
quando quero saber o que ocorre à minha volta  
ligo a tomada abro a janela escancarar a porta  
experimento invento tudo nunca jamais me iludo  
quero crer no que vem por aí beco escuro  
me iludo passado presente futuro  
urro arre i urro  
viro balanço reviro na palma da mão o dado  
futuro presente passado  
tudo sentir total é chave de ouro do meu jogo  
é fósforo que acende o fogo de minha mais alta razão  
e na sequência de diferentes naipes  
quem fala de mim tem paixão

**Confeitaria Marseillaise — Doces e rocamboles 116/Nosso amor ridículo se enquadra na moldura dos séculos 117**

**Ars poética / operação limpeza**

Assi me tem repartido extremos, que não entendo...

(Sá de Miranda)

I-

SAUDADE é uma palavra

Da língua portuguesa

A cujo enxurro

Sou sempre avesso

SAUDADE é uma palavra

A ser banida

Do uso corrente

Da expressão coloquial

Da assembleia constituinte

Do dicionário

Da onomástica

Do epistolário

Da inscrição tumular

Da carta geográfica

Da canção popular

Da fantasmática do corpo

Do mapa da afeição

Da praia do poema

Pra não depositar

Aluvião

Aqui nesta ribeira.

II-

Súbito

Sub-reptícia sucurijuba

A reprimida resplandece  
Se meta-formoseia  
Se mata  
O q parecia pau de braúna  
Quiçá pedra de breu  
Quiçá pedra de breu

#### CINTILA

Re-nova cobra rompe o ovo  
Da casca velha

#### SIBILA

III-

SAUDADE é uma palavra  
O sol da idade e o sal das lágrimas

#### **Mãe dos filhos peixes 121/Hoje 123**

#### **Orapronobis**

#### **[Tira-teima da cidadezinha de Tiradentes]**

Café coado.  
Cafungo minha dose diária de Murilo e Drummond.  
Lápis de ponta fina.  
Lá detrás daquela serra  
Estamparam um desenho de Tarsila na paisagem.  
Menino que pega ovo no ninho de seriema.  
Pessoas sentadas nos bancos de calcário  
Dão a vida por um dedo de prosa.  
Cada vereador deposita na mesa da câmara  
A grosa de pássaros pretos que conseguiu matar  
Árdua labuta pra hoje em dia  
Pois quase já não há  
Pássaros pretos no lugar.  
De tarde gritaria das maritacas

Encobre o piano arpejando o "Noturno" de Chopin.

Bêbado escornado no banco da praça.

Orlando Curió cisma um rabo de sereia do mar debuxado no lombo do seu cavalo.

A meia lua

E a estrela preta

De oito pontas

Do teto da igreja

Do Rosário dos Pretos.

Que luz desponta

Da meia lua

E que centelha

Da estrela preta de oito pontas

Do teto

Da igreja do Rosário dos Pretos?

Pra quem aponta

A luz da meia lua

E pra quem cintila

Preta de oito pontas

A estrela desenhada no teto

Da igreja do Rosário dos Pretos?

### **Amante da algazarra**

Não sou eu quem dá coices ferradurados no ar.

É esta estranha criatura que fez de mim seu encosto.

É ela!!

Todo mundo sabe, sou um lisa flor de pessoa,

Sem espinho de roseira nem áspera lixa de folha de figueira.

Esta amante da balbúrdia cavalga encostada ao meu sóbrio ombro.

Vixe!!

Enquanto caminha a pé, pedestre – peregrino atônito até a morte.

Sem motivo nenhum de pranto ou angústia rouca ou desalento:

Não sou eu quem dá coices ferradurados no ar.  
É esta estranha criatura que fez de mim seu encosto  
E se apossou do estojo de minha figura e dela expeliu o estofo.

Quem corre desabrida  
Sem ceder a concha do ouvido  
A ninguém que dela discorde  
É esta  
Selvagem sombra acavalada que faz versos como quem morde.

**Remix Século Vinte”128/Verão 132/Pista de dança 133/Oca do mundo 138**

### **Saques**

Ainda há focos de incêndio no pavilhão  
E a laje ameaça desabar.  
Um cruzado mané-ninguém surta em majestade  
Rompe o encouraçado cordão de isolamento  
Escala a pilha de escombros  
Alça os braços aos sete céus e clama:  
—Assim me falou o Rei Invisível:  
"Sois a alma do universo".  
Convoca falanges, coortes de legionários desembestados,  
Uma gatinha que aplica lances e golpes e vive de expedientes,  
Famílias famélicas  
E sua prole prolífica  
Gatinham no garimpo do galpão em chamas.  
O homem do riquixá garante seu espólio:  
Comidas, freezers, aparelhos de ar condicionado,  
Blusões e tênis enfarruscados.  
Dois homens colocam outro freezer numa carroça  
E saem em disparada no foco da fotografia.  
Três mulheres de Tatuapé carregam sabonetes sem marcas,  
Mesas e cadeiras de ferro.

Um Raimundo empurra um carrinho de pedreiro lotado de britas,  
Pedacos de concreto, sacos de arroz, de feijão  
"Nunca comi esse tal de atum, agora vou experimentar"—  
Testemunha a desempregada de nascença Josete Joselice, 56,  
Mostrando para a câmara da TV uma latinha chamuscada.  
Lá nas alturas do monte,  
Uma moça banguela ergue no pódio seu troféu de pacotes de  
mozarelas.

Como os valentes, finca teu estandarte  
No meio do deserto.

### **Grumari**

Entra mar adentro  
Deixa o marulho das ondas lhe envolver  
Até apagar o blá-blá-blá humano.  
Maré que puxa com força, hoje.  
É a lua cheia, talvez...  
As retinas correm a cadeia de montanhas que circunda a praia.